



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

MARIANA FERREIRA SILVA

**O CORPO FALA O QUE AS PALAVRAS NÃO DIZEM**  
**A MÚSICA E A DANÇA SENTIDAS PELOS SURDOS**

Salvador  
2018

MARIANA FERREIRA SILVA

**O CORPO FALA O QUE AS PALAVRAS NÃO DIZEM  
A MÚSICA E A DANÇA SENTIDAS PELOS SURDOS**

Memorial apresentado à Faculdade de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, sob orientação do professor Dr. José Francisco Serafim.

Salvador  
2018

*O que importa a surdez da orelha, quando a mente ouve?  
A verdadeira surdez, a incurável surdez, é a da mente.*

*(Ferdinand Berther)*



## **AGRADECIMENTOS**

Um ciclo se encerra com esse trabalho e eu sou completamente grata por todos os caminhos que me trouxeram até aqui.

Acima de tudo, sou grata pelo apoio, amor e dedicação, incondicionais, que minha avó e minha mãe me deram ao longo da vida.

Sou grata por esses anos de experiências na FACOM. Por cada pessoa que caminhou ao meu lado. Durante um projeto, uma disciplina, um semestre ou vários.

Sou grata aos bons professores que além de ensinarem, foram como faróis, apontando para novos caminhos.

Grata aos amigos que torceram, me apoiaram e acreditaram em mim.

Sou grata a todas as pessoas que tornaram esse trabalho possível e real.

Ao meu orientador Prof<sup>o</sup> José Serafim; a Atanael Ribeiro da Silva Weber - e seus alunos tão queridos - por ter abraçado esse trabalho e ter colaborado de forma tão especial, e fundamental; a Edj Braga pela generosidade; a TAG Produções; a AESOS e a Cabrueira por serem espaços que promovem transformações no mundo.

A gratidão que sinto pela concretização desse trabalho e pelo fim desse ciclo desconhece limites.

## RESUMO

Este memorial traz as etapas de elaboração, fundamentação, produção e edição do documentário “O corpo fala o que as palavras não dizem – A música e a dança sentidas pelos surdos”. O filme, todo registrado em Libras, é um recorte da relação da turma de alunos surdos, do grupo de dança Cabrueira - de Salvador, Bahia - com a música e dança. Este produto mostra os desdobramentos emocionais e socioculturais dessa interação, e como o espaço proporcionado por tais linguagens artísticas que atende a todos, indistintamente, pode ser uma poderosa ferramenta de transformação social e inclusão.

**Palavras-chave:** Documentário; Surdos; Dança; Música.

# SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Referencial Teórico.....	13
3. Da realização.....	17
3.1 Pré-produção: Levantamento de dados.....	17
3.2 Produção: Entrevistas e Imagens.....	18
3.3 Edição: Produto final.....	24
3.3.1 Banda Sonora e Música que compõe o documentário.....	24
3.4 Recursos Utilizados.....	25
3.5 Cronograma.....	25
3.6 Orçamento.....	26
4. Considerações finais.....	26
5. Referências.....	27
6. Apêndice.....	28

## 1. INTRODUÇÃO

O documentário que será descrito no decorrer desse memorial - “O corpo fala o que as palavras não dizem – A música e a dança sentidas pelos surdos” - integra o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É um recorte de algumas das possíveis experiências de indivíduos surdos, ao entrarem em contato com a música e a dança; e dos desdobramentos e benefícios dessa interação.

Esse registro tem como foco a turma de surdos do grupo de dança Cabrueira, fundado em Salvador, no ano de 2005. O Cabrueira tem como peculiaridade a mistura de diversos ritmos ao forró e desde o ano passado, ministra aula para surdos; comprovando, na prática, a multiplicidade inerente à música e à dança; e dando forma a um lugar comum para a natural diversidade humana.

As cenas foram feitas na Cabrueira Escola de Dança e no Teatro Sesc Pelourinho, em Salvador (BA). Compõem o filme, imagens da participação dos alunos no espetáculo de fim de ano do grupo, dos ensaios, das aulas. Foram captadas cenas de bastidores e da dinâmica de ensino, sem intervenção e foram realizadas entrevistas, com alunos e com o professor responsável pela turma.

A narrativa se forma através dos relatos das experiências dos alunos, com as linguagens artísticas citadas, somados ao ponto de vista do professor, ao conduzir esse processo.

O tema é desconhecido para muitos e – como fica evidente no decorrer do filme – a relação dos surdos com a música e a dança é positiva para a comunidade em vários níveis: para o seu desenvolvimento, para a interação entre ouvintes e não ouvintes, para a inclusão social.

Considerando a visão hegemônica acerca da condição dos surdos e a existência de poucos materiais acerca do assunto, revela-se a necessidade que há em se abordar tal realidade e suas nuances. O documentário aqui descrito se firma sobre a relevância e pertinência do tema.



Ao entrar em contato com o universo da Cultura Surda – que compreende a forma do sujeito surdo entender e se relacionar com o mundo - é possível perceber que existe fora dele, uma ideia pré-concebida sobre a surdez, sem tentativa de empatia ou aprofundamento.

Considerando o pressuposto que vivemos em uma sociedade construída com bases na oralidade, os discursos predominantes, em suas variadas formas - acerca da surdez - apontam para uma “necessidade” de superação da não audição.

As aparentes tentativas de inclusão pretendem inserir as pessoas surdas em modos dominantes de agir, pensar, sentir e se expressar; sem sequer cogitar que ser surdo é uma forma de existir e que há ganhos nesse cenário.

Ser surdo é um modo de ser, instituído na experiência visual e no uso das línguas gestuais; é mais uma das diversas situações culturais, é uma das várias diferenças humanas e, socialmente, deve ser naturalmente abraçada como tal.

Há uma construção social acerca do indivíduo surdo que começou na Antiguidade Clássica, a partir da concepção aristotélica, que difundiu a ideia que associava a estruturação do pensamento à fala.

Nesse contexto, a voz era condição para a linguagem e essa, instrumento fundamental para a realização da natural vocação política do homem. Como consequência desse pensamento, os indivíduos surdos eram tidos como sub-humanos, incapazes de realizar a inata finalidade administrativa que o homem tinha.

Sob esse ponto de vista, além da ausência de empatia e respeito, havia exclusão, e o começo da construção do estereótipo do surdo como incapaz. Nessa conjuntura nasceram as medidas e falas caritativas; que acabaram por subestimar os horizontes e possibilidades do ser surdo; e o colocou num lugar marginal, onde era depreciado e deveria ser curado.

Considerando esse cenário, salta aos olhos a importância de repensar, tentar entender e respeitar, no sentido mais amplo, o lugar do surdo na sociedade, para além das comunidades às quais pertencem.

Como compreender o mundo além das palavras?

Através da corporeidade, inata ao ser humano, o cérebro identifica o corpo como mecanismo de conexão com o mundo e o sujeito é capaz de sentir, e usar sua constituição física como meio de expressão e relação com o mundo. O corpo é dimensão fundamental para a formação do ser. “Não existe forma de expressão possível que não seja motora. Pela corporeidade existimos, pela motricidade nos humanizamos. A motricidade não é movimento qualquer, é a expressão humana.” (FREIRE, 1991, p. 26)

Partindo da premissa que o corpo é um meio de comunicação com o outro, com o mundo e consigo, é conseguinte e coerente entender a dança como uma forma de diálogo, que utiliza a linguagem corporal, assim como a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); capaz de transmitir sensações, emoções, pensamentos, através de movimentos.

A dança - que é uma forma de expressão universal que dispensa pré-requisito de qualquer ordem ou natureza - quando ensinada ao surdo se torna mais um instrumento de comunicação e desenvolvimento, que favorece a socialização e colabora com a construção de um ser autônomo, ao estimular uma reflexão crítica.

Auxilia no desenvolvimento da linguagem, já que se expressam através de movimentos e da cognição, potencializando-o enquanto ser pensante. “Essas reflexões podem ser propiciadas pela dança, pois faz com que as pessoas se vejam como um corpo que se movimenta, que interage com os outros, e ainda, que pensa.” (ALVES, K. P. ; Santos, L. F. ; CARVALHO, S., 2010, p.765)

A música, mais do que ouvida, é passível e possível de ser sentida. Ao passo que para dançar basta sentir a vibração da música, a dança é totalmente realizável para os surdos. Tal linguagem artística tem amplitude de possibilidades: nos movimentos, nos ritmos, nas velocidades, nos compassos; e por isso, atende a todos. Essa multiplicidade também existe na natureza humana.

A dança pode ser um poderoso recurso para compreender e superar qualquer tipo de diferença, ao proporcionar entendimentos sobre a diversidade. Aos

surdos propicia uma compreensão maior da sua condição. Mais que isso, que a aceitem entendendo que podem se realizar.

Através do reconhecimento da corporeidade, possibilitado pela dança, o indivíduo pode aprimorar o controle sobre o próprio corpo, conhecer suas possibilidades e perceber que entre as pessoas há semelhanças, e diferenças. O que acaba por ser um ponto de aproximação, identificação, interação e de consequente inclusão social.

O corpo responde à música para além da audição. Viver a música e a dança é uma realidade para os surdos. Uma realidade particular, subjetiva, interessante e desconhecida para muitos, mais do que digna de ser retratada.

O indivíduo pode sentir o vibrato - variação da frequência de uma nota que produz uma flutuação expressiva do som - por todo o seu corpo, pela pele, pelos ossos. O ritmo permite que o surdo reconheça uma música, perceba-a e responda a ela corporalmente, à sua própria forma. Assim - de forma sintética e bem menos profunda do que realmente é - acontece a música e a dança para essas pessoas.

A fim de desconstruir o ponto de vista prevalecente (do surdo como ser limitado ou incapaz), estimular a empatia diante do diverso, aproximar ouvintes e não ouvintes através do lugar comum proporcionando pela dança; e propagar os vários benefícios de tal prática para os surdos; surgiu a ideia de registrar as emoções vividas para esses indivíduos diante da dança e da música; a forma como o processo de ensino/aprendizagem é conduzido e acontece; e as suas encantadoras repercussões.

Tendo como foco a interação da comunidade surda com a dança e a música, retratando suas emoções e percepções e, assim, evidenciando que a linguagem artística aproxima as pessoas; o documentário será uma possibilidade de reflexão.

A diversidade existente no universo da dança é um ponto de aproximação entre não ouvintes e ouvintes, um lugar comum, que abraça a pluralidade do ser.

Sob esse ponto de vista, a arte é um lugar de troca entre os indivíduos e o meio, onde não há fronteira, distinções, nem aparentes limitações corporais.

É um espaço que faz com que as pessoas sejam, ativamente, os pensantes que são por natureza. Onde se desenrolam emoções e sentimentos. E nesse momento proporcionando pelo contato com a música, somado à consciência corporal, é possível refletir para além dos movimentos que realiza; ele entende suas possibilidades. Esse lugar estimula a compreensão do mundo e de si mesmo.

“Entende-se que a não realização pessoal, a incapacidade de expressão, de criatividade, de produção, é uma grande fonte de distúrbios psicológicos, emocionais e mentais. ” (ALVES, K. P. ; Santos, L. F. ; CARVALHO, S., 2010, p.765)

É nítida a carência de novos espaços de discussões, que ampliem os horizontes acerca da Cultura Surda; e das possibilidades de interação com os indivíduos surdos, e desses com o seu redor.

O propósito do produto aqui apresentado é uma resposta à sobrevivência do discurso e da visão dominantes. No cenário atual, enxerga-se uma demanda social e uma possibilidade de reconfiguração do olhar sobre os surdos, e conseqüentemente da relação desses com as pessoas que estão além das suas comunidades.

Assim, considerando essas perspectivas e pertinências, este Trabalho de Conclusão de Curso, que se divide em memorial descritivo e produto, tem a intenção de colaborar com o desenvolvimento do ser surdo e para a interação desse com o mundo; evidenciando os benefícios e desdobramentos do vínculo desses com a música e a dança; fazendo um recorte sobre a realidade da cultura surda, enquanto forma de estar e existir no mundo, e propagar tais ideias.

Teoricamente, o projeto foi baseado, inicialmente, em comprovações dos benefícios da prática da dança pelos surdos e buscou-se entender a realidade

da cultura surda. Posteriormente, para a produção do filme, foram considerados os principais teóricos da área do documentário e referências filmográficas, que se aproximam do tema deste trabalho. O que será delineado a seguir.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Inicialmente, a elaboração desse trabalho foi embasada em pesquisas já realizadas acerca do assunto, que comprovam a sua pertinência e elencam seus benefícios.

(...) a linguagem corporal é de extrema importância para os surdos, pois através dela é que eles se comunicam com o mundo, configurando-se assim fundamental para a corporeidade dos mesmos. Nesse contexto é que a dança entra, pois ela proporciona justamente o aprimoramento dessa forma de linguagem. (ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010, p. 766)

A partir dessa pesquisa inicial sobre a temática foi possível imergir no assunto; pensar e visualizar o recorte a ser feito; e a maneira que o processo de produção seria conduzido.

Esse entendimento da diversidade que a dança proporciona para os praticantes é de extrema importância para o auto-reconhecimento da corporeidade dos mesmos. Pois através dele as pessoas podem conhecer o seu corpo, ou seja, seus limites e suas possibilidades, e ainda perceber que entre as pessoas há semelhanças e diferenças e dessa forma aprender a valorizá-las. Os surdos não se diferem disso. Deve-se entender que eles, antes de tudo, são corpos que movimentam, interagem, comunicam, que tem emoções e sentimentos. Sendo isso as principais características para se dançar. (ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010, p. 767)

Após as pesquisas preliminares, foi o momento de definir o formato do documentário, sobre quais premissas teóricas seria fundamentado. Este filme foi idealizado sobre a ideia de documentário enquanto produção que registra, *in loco*, material que existe fora do universo narrativo.

Apesar de o termo ser considerado relativo e/ou comparativo por alguns autores, o plano de ação e o roteiro se basearam em normas que formata tal registro enquanto gênero documental. Como, por exemplo, as entrevistas, uso de atores sociais, lógica informativa.

Dentro do universo de possibilidades onde existem os filmes que podem ser considerados documentário, há uma singularidade narrativa que o distingue. Tal modelo pode ser interpretado, de forma sucinta, como um recorte fílmico do mundo histórico; uma representação social, parcial e subjetiva.

Este filme foi desenvolvido dentro do estilo do documentário clássico, com preocupação social, caráter educativo, realismo. Se aproximando de algumas ideias difundidas por John Grierson.

“Primeiros princípios. (1) Acreditamos que a capacidade que o cinema tem de se mover, observar e selecionar a partir da própria vida pode ser explorada numa nova e vital forma de arte. Os filmes de estúdio ignoram amplamente esta possibilidade de abrir o ecrã ao mundo real. Fotografam histórias representadas em cenários artificiais. O documentário irá fotografar a cena viva e a história vida. (2) Acreditamos que o actor original (ou nativo) e a cena original (ou nativa) são melhores guias para uma interpretação pelo ecrã do mundo moderno. Eles dão ao cinema uma reserva maior de materiais. Dão-lhe o poder sobre mais de um milhão de imagens. Dão-lhe o poder de interpretar acontecimentos mais complexos e surpreendentes do que mundo real do que o estúdio é capaz de conjecturar ou o técnico do estúdio consegue recriar. (3) Por isso, acreditamos que os materiais e as histórias extraídas em estado bruto podem ser melhores (mais reais, num sentido filosófico) do que o material representado. O gesto espontâneo no ecrã tem um valor especial. O cinema tem uma capacidade extraordinária de valorizar o movimento que a tradição formou ou o tempo desgastou. O seu retângulo arbitrário revela especialmente movimento. Dá-lhe um alcance máximo no espaço e no tempo. Acrescentamos a isto que o documentário permite atingir uma intimidade de conhecimento e de efeito que seriam impossíveis para os mecanismos artificiais do estúdio e para as interpretações superficiais dos actores metropolitanos. ”  
(GRIERSON, 1966)

Para atingir o propósito apresentado no anteprojeto, o documentário foi filmado priorizando a subjetividade dos personagens sociais, valorizando suas impressões a respeito do universo abordado; contudo, sem deixar de lado a objetividade no que tange a realidade vivenciada pelo grupo.

A produção das imagens foi conduzida dessa forma a fim de retratar situações relevantes para a construção do recorte, que se deseja que seja assimilado

pelos espectadores. Além disso, houve a captura de acontecimentos sem interferência para proporcionar imersão no contexto.

O processo de troca entre a equipe e o grupo filmado foi fundamental para que a narrativa se desenvolvesse de maneira a sempre dialogar com os objetivos do trabalho. Dessa forma, o filme se enquadra nas concepções de documentário delineadas por Bill Nichols.

Cada documentário tem sua voz distinta. Como toda voz que fala, a voz fílmica tem um estilo ou uma “natureza” própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital. Ela atesta a individualidade do cineasta ou diretor, ou, às vezes, o poder de decisão de um patrocinador ou organização diretora. (...) A identificação de um filme com um certo modo não precisa ser total. Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma considerável margem de liberdade. (NICHOLS, 2005, p. 135)

Para ter referência sobre a forma de abordagem, linguagem e estrutura narrativa, foram consideradas algumas obras fílmicas com temáticas próximas do universo do documentário aqui descrito.

Dentre elas, “O País dos Surdos” (1992), documentário do diretor Nicolas Philibert que retrata curiosidades e dificuldades de ser surdo; os desafios de se comunicar através de um sistema específico que envolve o olhar e o tato. Assim como o filme que compõe este trabalho de conclusão, em “O País dos Surdos” não há narração e as falas dos personagens é o que conduz, e dá forma à estrutura narrativa. Mas ainda assim, há sons, ao contrário do produto aqui descrito.

Outro aspecto relevante – mas que se contrapõe à estrutura narrativa do filme “O corpo fala o que as palavras não dizem – A música e a dança sentidas pelos surdos” - é que nem todos os gestos e sinais são legendados; e por isso não há uma compreensão completa do que é visto. O filme faz um recorte da realidade dos surdos, contudo, vai na contramão de um dos objetivos deste trabalho, que é retratar esse contexto como uma forma de existir.

Na produção de Philibert há várias cenas que mostram tentativas de ensinar a língua oral para os surdos, inclusive, com repressão; o que desrespeita em vários níveis a condição natural do indivíduo. Nesse ponto, o registro aqui relatado vai na direção oposta.

Outro filme que serviu como referencial foi “A Família Bélier”, do francês Eric Lartigau, de 2014, que aborda a situação da surdez sem vitimização. Esta obra mostra a convivência entre surdos e ouvintes, dentro de uma família formada por quatro pessoas: um casal e seus dois filhos. Paula, a filha, é a única ouvinte e tem o papel de negociar pelos pais e de ser intérprete entre eles, e o mundo.

No decorrer da trama, desafios enfrentados pelos surdos, no que tange a sua sociabilização, são tocados. A acessibilidade, quando Paula precisa interpretar para os seus o que é exibido na TV; a família sendo taxada de “louca” pelos colegas de escola da personagem central; a dificuldade do convívio em sociedade por conta da língua. O filme proporciona reflexões necessárias sobre a condição do surdo na sociedade, perspectiva que se aproxima dos propósitos deste trabalho.

Outra particularidade do filme, que se relaciona com a temática deste documentário é a presença da música e a forma com o surdo a sente. Isso pode ser visto na cena em que o pai pede a filha para que cante, e coloca a mão sobre a sua caixa torácica, para sentir o vibrato produzido pelas notas cantadas.

O documentário “Sou surda e não sabia” (2009) de Igor Ochronowicz, que traz discussões acerca da nomenclatura usada para se referir a pessoa surda, também foi uma referência fílmica, que, neste caso em específico, colaborou com abordagem do assunto e formatação da narrativa.



Esta obra narra a história de Sandrine, a descoberta da sua surdez e a sua relação com os pais ouvintes. A personagem sente que a revelação da sua condição causou um certo distanciamento entre ela e sua família. Para Sandrine, a sua situação era – obviamente – natural, sendo assim, não compreendia a postura dos pais.

Este filme traz, também, tentativas de oralização e mostra como pode ser nocivo para o surdo, tentar “incluir-lo” num modo dominante de se comunicar. Mais uma comprovação de que a realidade dos indivíduos surdos deve ser respeitada e assimilada como situação cultural, e maneira de existir.

Todas as produções citadas colaboraram com a composição deste documentário aqui descrito. Reforçando a importância de se promover espaços de reflexões e discussões, a partir do recorte feito; na escolha da forma de abordagem; comprovando as vantagens de se registrar e difundir a temática.

### **3. DA REALIZAÇÃO**

#### **3.1 Pré-produção: Levantamento de Dados**

No momento inicial, de desenvolvimento deste trabalho, foram realizadas pesquisas, na internet, a fim de se familiarizar com a Cultura Surda e com o assunto abordado. Buscou-se entender, teoricamente, como se dá a relação dos surdos com a música e dança; e os possíveis benefícios, já comprovados e registrados.

Além disso, foram procurados materiais já realizados acerca do assunto, para se ter como base e referencial de abordagem. Essa apuração prévia foi fundamental para a condução do trabalho, o relacionamento com os entrevistados e o recorte fílmico que seria feito posteriormente. Já, que diante deste contexto, são várias as possibilidades de tratamento da realidade.

Outra etapa relevante do processo, foi a pesquisa de campo. Ocorreram visitas às aulas e conversas informais, com o professor responsável; e contato prévio com alguns alunos. Ter vivenciado a dinâmica da aula e presenciar a interação

dos surdos com a música e a dança, reforçou a significância do tema e do valor social, e cultural do registro.

Interagir com os alunos, por meio destas idas às aulas, foi uma forma de mergulhar na sua realidade e experimentar a forma como os surdos sentem o mundo. Foi um exercício de empatia muito significativo e transformador, de onde nasceu o desejo de despertar o mesmo, em outras pessoas ouvintes.

Há um contundente distanciamento entre a sociedade - no seu sentido hegemônico - e a Cultura Surda. Claramente, reformas estruturais na educação fundamental são necessárias para diminuir essas distâncias, mas, desde já, é possível ver e promover a arte como um ponto de aproximação, entre surdos e ouvintes. Como meio de inclusão e maior interação social.

Depois de experienciar a maneira particular como os surdos percebem as realidades que se apresentam a eles – sem som – e como isso segue na contramão da maneira que o mundo acontece, e se desenvolve, ficou nítida a importância de valorizar, respeitar sua língua e tentar assimilar a forma como sentem a vida. Por isso, a escolha de fazer um filme todo em Libras, aspecto fundamental que norteou toda a estruturação do filme e que vai na contramão de um modo hegemônico vigente.

## **3.2 Produção**

### **Entrevistas e filmagens**

“(…) é raro o produto audiovisual que não lance mão da entrevista como elemento fundamental para contextualizar e garantir o status de verdade que caracteriza os gêneros telejornalístico e documental.” (MUSSE, C. F.; MUSSE, M. F., 2010, p. 1)

Para alcançar o intuito de fazer um recorte sobre a realidade da cultura surda, enquanto forma de estar e existir no mundo - a partir da relação dos surdos com a dança e a música - registros dos ensaios, aulas, bastidores do espetáculo de fim de ano do grupo Cabrueira e entrevistas, foram

imprescindíveis para elucidar, atestar e documentar o ponto de vista escolhido sobre a temática, e a sua valia.

Pouco tempo após as visitas informais às aulas do grupo, as filmagens foram iniciadas nos ensaios que ocorreram para a apresentação no Teatro Sesc Pelourinho. As cenas foram feitas na sede do grupo Cabrueira pela TAG Produções.

Nesse momento da produção de imagens, já foi possível visualizar como se dá a experiência da música e da dança para os surdos. Como essas formas de arte se configuram como possibilidades de comunicação. Entre surdos e surdos; entre surdos e ouvintes; entre surdos e o mundo.

Ficou nítido que mesmo existindo uma distância cultural, causada pela língua, no espaço proporcionado pela dança, havia interação e comunhão entre surdos e ouvintes.

Desde as primeiras imagens, está presente o foco no fio condutor da estrutura narrativa: Atanael Ribeiro da Silva Weber, que é o professor responsável pelas aulas de forró ministradas aos surdos, dentro do grupo de dança Cabrueira.

Atanael é psicólogo e especializando em docência e interpretação em LIBRAS e há 15 anos atrás começou a sua relação com a comunidade surda. Foi em 2005 que conheceu o grupo Cabrueira.

Ele começou ensinando dança a ouvintes e a partir do convite de uma aluna, que é professora na AESOS – Associação Educacional Sons no Silêncio - aceitou a proposta de tentar dar aula para surdos. A primeira experiência aconteceu no dia 14 de março de 2017 e assim se iniciou a turma de surdos do Cabrueira.

Em todos os momentos registrados - ensaios, bastidores, aulas - fica evidente a conexão entre Atanael e o grupo. O fato de ser um ouvinte que, também, se

comunica em Libras, parece funcionar como uma ponte entre os surdos e as várias situações, que antes lhes eram desconhecidas. E isso foi fundamental para a construção de uma estrutura narrativa que elucidasse algumas das experiências da turma de surdos, da Cabrueira, com a música e a dança.

É fácil perceber nas imagens a atenção e concentração que a turma dedicou aos ensaios; a emoção em estar no teatro; a alegria de participar do espetáculo. De se sentirem capazes e integrados a um todo que é um novo mundo para eles.

Tão importante quanto visualizar a ligação entre o professor e seus alunos, foi colher os seus relatos sobre suas vivências dentro do grupo, no processo de preparação para a apresentação, dos dias que estiveram no teatro.

No total, 10 alunos se apresentaram, no Teatro Sesc Pelourinho, nos dias 24 e 25 de novembro de 2017. A apresentação deles compôs a montagem artística intitulada “Dois Pra Lá, Dois Pra CAbrueira”.

Apesar de parecerem à vontade com o contexto das coxias e, em todas as ocasiões, terem sido receptivos às tentativas de interação, nem todos se sentiram confortáveis para falar com a câmera.

O momento escolhido para as entrevistas foi minutos antes da exibição do espetáculo, no dia 25 de novembro. Ou seja, no dia anterior eles já tinham se apresentado e experimentado a sensação de estar no palco.

Optar por conversar com eles entre as duas apresentações previstas foi uma escolha pensada, visando extrair deles suas impressões com maior veracidade e intensidade.

Ao tomarem conhecimento da proposta do documentário, reagiram de forma positiva, como se a ideia lhes agradasse. Porém, nem todos se sentiram tranquilos para dar seus depoimentos. A maioria pediu para combinar um outro momento.

Ainda assim, 4 alunos responderam às questões colocadas e narraram suas experiências com a música, com a dança, com os ensaios, com a apresentação no teatro.

Alberto Marinho Menezes Conceição Santos, Jaiane Oliveira Lopes, Miriam Santos de Oliveira e Rodrigo Barbosa dos Santos aceitaram conversar, diante da câmera, no camarim do teatro, faltando pouco tempo para entrarem no palco. Nessa situação, mesmo os que não quiseram falar naquele momento, estiveram presentes, o que externou a união do grupo.

A intérprete de Libras, contratada pelo Cabrueira, para traduzir o espetáculo para o público surdo, foi mais uma pessoa receptiva ao trabalho aqui descrito e peça fundamental no andamento das entrevistas com os surdos. Ela tornou compreensível, para todos os presentes, as perguntas feitas e as respostas dadas.

Às entrevistas, somaram-se cenas dos bastidores do teatro, da rotina pré espetáculo, feitas, também, pela TAG Produções. Nessas situações, foi possível confirmar como a dança, proporcionada pela música, pode ser uma ferramenta de transformação e inclusão; quando os surdos estão presentes em lugares e situações que antes não estavam. O que, também, foi dito por eles.

“Eu nunca tinha visto. Foi a primeira vez. Nossa, eu gostei muito de estar no teatro.” (DOS SANTOS, Rodrigo)

As perguntas, previamente pensadas, foram focadas em conseguir extrair dos entrevistados respostas que traduzissem suas sensações e sentimentos, diante da música e da dança, nos contextos propiciados pelas aulas e ensaios do Cabrueira e na apresentação, momento em que se encerrou essa etapa de filmagens.

As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de

interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorram e dos protocolos ou diretrizes específicos que estruturam. As entrevistas ocorrem num campo de trabalho antropológico ou sociológico; tomam o nome de “anamnese” na medicina e no serviço social; na psicanálise, tomam a forma de sessão terapêutica; em direito, a entrevista torna-se o processo prévio de “colher meios de prova” e, durante julgamentos, o testemunho; na televisão, forma a espinha dorsal dos programas de entrevista; no jornalismo, assume tanto a forma de entrevista como coletiva para imprensa; e na educação, aparece como diálogo socrático. Michel Foucault argumenta que todas essas formas incluem formas regulamentadas de troca, com uma distribuição desigual de poder entre cliente e profissional da instituição, com raízes na tradição religiosa da confissão. Os cineastas usam a entrevista para juntar relatos diferentes numa única história. A voz do cineasta emerge da tecitura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem (NICHOLS, 2007: 160).

No teatro, além das filmagens feitas nos bastidores, no segundo dia do espetáculo, poucos minutos antes da apresentação, todos os presentes foram surpreendidos com um depoimento espontâneo, de Rodrigo Barbosa dos Santos, aluno da turma de surdos. O que colaborou de forma especial com a composição do filme e foi mais uma comprovação de como a prática da dança é transformadora.

Após a realização dessas imagens no teatro, foi o momento de captar a dinâmica da aula e conversar com o personagem principal – o professor - a fim de construir a narrativa do filme a partir das suas respostas, que se somaram aos depoimentos pontuais dos alunos. Essa construção foi pensada para possibilitar que o espectador se informe sobre esse universo que se encontra distante de muitos.

A entrevista no documentário pode ser utilizada para construir e resgatar uma memória coletiva, quando vários personagens falam de suas experiências ou lembranças, e também como construção da história de um personagem, através de seus relatos e reflexões sobre sua própria vida. (MUSSE; MUSSE, 2010)

A entrevista com Atanael aconteceu na sede do grupo Cabrueira, situada em Salvador, no Jardim de Alah, após uma aula cheia, da turma de surdos. Foi a primeira aula do ano, com muitos alunos novos e proporcionou várias imagens interessantes sobre o tema deste trabalho de conclusão. Essas cenas se somaram de forma produtora ao que já havia sido captado no teatro.

“No documentário, a entrevista é usada para juntar diferentes relatos, nos quais a voz na primeira pessoa predomina na estrutura global do filme. ”  
(D’ALMEIDA, A. D, 2006, p. 3)

A conversa filmada, com o professor, durou pouco mais de meia hora, tendo em vista que ele já tinha conhecimento do projeto e é completamente familiarizado com a temática.

A entrevista fluiu de forma leve e fácil, e rendeu respostas substanciais para a realização do recorte que foi pensado desde o anteprojeto. As questões colocadas para o professor foram elaboradas no sentido de se somarem ao que já havia sido dito pelos alunos e de proporcionar conhecimento sobre o assunto.

(...) a entrevista deve ser entendida como uma técnica, um mecanismo de troca de subjetividades, em que um dos elementos envolvidos na função, o entrevistador, se “abre” para receber o outro. O que está em jogo são interpretações da verdade, sentimentos e sensações, visões de mundo diferentes e singulares, não o saber objetivo, positivo e fechado em si mesmo. (D’ALMEIDA, 2006, p. 5)

Atanael falou brevemente da sua trajetória e escolhas profissionais; do seu contato e experiências com a dança, e com a cultura surda. Por meio das suas palavras se tornou possível compreender a magnitude que existe em proporcionar a dança aos surdos, os benefícios e como isso pode ser um meio de integração, e mudança social.

Com essa entrevista se encerrou a etapa de produção.

### **3.3 Edição: Produto Final**

A partir da decisão de fazer um documentário todo em Libras e considerando que a língua brasileira de sinais não é uma gestualização da língua portuguesa, foi necessário pensar um formato de estrutura narrativa e formato de edição que fosse lógico, coeso e autônomo.

A construção da ideia final do filme começou na elaboração das perguntas que seriam realizadas nas entrevistas, na escolha dos personagens e se concluiu na edição.

A sequência de cenas foi pensada de maneira a se passar a mensagem previamente proposta, sem necessitar do recurso de narração. Sendo assim, a montagem foi feita visando uma conexão entre as falas dos personagens e uma consequente autonomia; as palavras dos entrevistados dão sentido, início, meio e fim para o produto final.

O professor do grupo - personagem principal do filme – foi filmado em plano fixo, no seu ambiente de trabalho (Cabruera Escola de Dança) e a partir da sua fala, foram inseridas outras informações visuais; através das aulas, dos bastidores e da apresentação no teatro. Os relatos e as situações registradas se interligam numa sucessão que dá vida e argumento ao produto.

Vai ser por intermédio de Atanael que o espectador tomará conhecimento sobre a conjuntura escolhida como tema. Seu depoimento é o fio condutor que norteia o filme.

#### **3.2.1 Banda Sonora e Música que compõe o documentário**

Diante do propósito de focar a forma dos surdos se relacionar com o mundo, se contrapondo aos discursos dominantes elencados anteriormente e visando



propiciar um momento de imersão, e reflexão, sobre a temática, na edição retirou-se o áudio do filme.

Apenas na cena final, que é a apresentação do grupo, há a música Xote dos Milagres, do grupo Falamansa, lançada em 2000. A escolha da música é relatada no documentário.

### 3.4 Recursos utilizados

Para a realização das imagens foram utilizadas 6 câmeras – não necessariamente ao mesmo tempo - foram elas: *Olympus SP – 720UZ*, *Canon T5*, *Canon T5i*, *Canon 6D* e *Blackmagic Pocket e GoPro*. Foram usadas, também, as lentes: *Sigma 18 -35 serie art 1.8*, *Canon 50 mm 1.8*, *Canon 50 mm 1.4*, *Canon 17-135 f4 L*. Para a edição, o programa escolhido foi o *Premiere Pro CC* e para a gravação do filme mídias de DVD foram necessárias.

### 3.5 Cronograma

Ações	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV
Levantamento de dados						
Pesquisa de campo						
Elaboração do roteiro						
Captação de imagens e entrevistas						
Edição						

### **3.6 Orçamento**

Para custear a edição do filme foi paga a quantia de R\$ 400,00.

## **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de produção do documentário “O corpo fala o que as palavras não dizem – A música e a dança sentidas pelos surdos” foi uma experiência enriquecedora desde o primeiro momento de pesquisa e de ida a campo.

Foi uma oportunidade ímpar, valiosa e muito válida de se aproximar da cultura surda. De conhecer uma realidade que compõe a sociedade ao mesmo tempo em que vive marginalizada, e desconhecida para muitos.

Tomar conhecimento da possibilidade de os surdos sentirem a música e poderem dança - e presenciar isso - foi uma grata surpresa, uma forma de ampliar os horizontes e se aproximar de um cenário antes distante.

Todo esse contato, proporcionou reflexões antes impensadas e mostrou nitidamente como a situação do surdo na sociedade deve ser amplamente pensada, e debatida.

Por tudo isso, surgiu a vontade de registrar esse universo e possibilitar que outras pessoas – surdos e ouvintes – o conheça. O desejo é que esse trabalho se desdobre em significativas transformações sociais, diminuindo as distâncias que ainda existem diante do diverso.

Desta forma, acredita-se que o trabalho realizado contribuirá para essas ponderações, para atenuar os aparentes limites entre surdos e ouvintes, para colaborar com o desenvolvimento emocional e social do indivíduo surdo.

## 5. REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, K. P. ; Santos, L. F. ; CARVALHO, S. A importância da dança para o reconhecimento dos surdos sobre a sua corporeidade: um relato de experiência; Brasília; 2010.

D'ALMEIDA, A. D.; O processo de construção de personagens em documentários de entrevista; Brasília; 2006.

DOS SANTOS, B. D.; A escuta dos olhos; Pará; 2011.

GRIERSON, John. "First principles of documentar" in Froisyth Hardy (ed.);

Revised Edition; Berkeley and Los Angeles; University of California Press; 1966

MUSSE, C. F.; MUSSE, M. F. ; A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações; São Paulo; 2010.

NICHHOLS, B.; Introdução ao documentário. Campinas, SP: Papirus; 2005

### FILMOGRÁFICAS

A FAMÍLIA BÉLIER. Diretor: Eric Lartigau; Roteirista: Eric Lartigau e Thomas Bidegain; Produção: France 2 Cinéma, Jérico, Mars Films, Nexus Factory, UMedia, Vendôme Production; 2014 Distribuição: Paris Filmes; Duração: 106 min; DVD; Colorido.

O PAÍS DOS SURDOS. Diretor: Nicolas Philibert; Roteirista: Nicolas Philibert; Produtor Executivo: Serge Lalou; Produção: BBC Films, Canal + (France), Centre Européen Cinématographique Rhône-Alpes, Centre National de la Cinématographie (CNC), Fondation GAN pour le cinéma, La Sept Cinéma, Les Films d'Ici, MKL Distribution, Radio Télévision Suisse Romande (R.T.S.R.), Rai Tre; 1992; Duração 95 min; VHS; Colorido.

SOU SURDA E NÃO SABIA; Diretor: Igor Ochronowicz; 2009; Duração 70 min; DVD; Colorido.

## **6. APÊNDICE**

### **Relato de Jaiane Oliveira Lopes**

“Olá, tudo bem? Meu nome é Jaiane. Meu sinal é esse:

É possível dançar. Eu percebo o ritmo, como combinar, os detalhes.... Eu gosto muito.

Mudou o que na minha vida? Hoje, eu percebi que com objetivo eu fui me desenvolvendo. Os ouvintes olham assim: “surdo é impossível dançar”. Não! Surdo é possível dançar sim.

É só ir acompanhando o ritmo. Vai acontecendo uma troca, vai se desenvolvendo.”

### **Relato de Atanael Ribeiro da Silva Weber**

“Olá, tudo bem? Meu nome é Atanael, meu sinal é esse aqui.

Então, hoje eu sou formado em Psicologia e também sou professor de dança dentro do grupo Cabrueira. Esse é o nome:

Hoje, eu também faço especialização em docência e interpretação em LIBRAS e o meu interesse começou porque profissionalmente a Psicologia tem várias necessidades, desejos e precisa trabalhar com a comunidade surda. E, também, falta profissional que saiba a língua de sinais. Por isso, eu escolhi, também, me formar numa especialização na área de LIBRAS.

Minha experiência começou há muito tempo, há 15 anos atrás, com a comunidade surda. Começou primeiro. Aí depois, em 2005, eu conheci o grupo Cabrueira.

Eu comecei ensinando a ouvintes só. No dia de sábado. Mas eu tinha uma aluna, o nome, Nanci. O sinal dela é esse. E aí, ela aprendeu a dançar comigo. E aí, ela me perguntou: “você tem interesse em ensinar surdos também? ”. Aí eu falei: não, tô começando, eu não sei se vou conseguir. Mas eu quero tentar.

Aí ela marcou um dia. E qual foi esse dia? Dia 14 de março. Aí a gente começou com essa experiência e hoje é ótimo, é maravilhoso.

Então, só a língua é diferente? Não. A estratégia também é diferente. O jeito que se percebe o ritmo é diferente. Então, pra mim, foi começar uma nova forma de ensinar a dança. É diferente de ouvinte. Porque tem uma metodologia, uma estratégia, uma didática própria dos surdos. ”

### **Relato de Miriam Santos de Oliveira**

“Foi muito bom ter entrado na dança, porque antes eu nunca tinha tido essa experiência. Foi a primeira vez, o primeiro contato com a dança

O movimento, esse treino contínuo, a gente não para. É bem esforçado mesmo então eu gosto disso. ”

### **Relato de Atanael Ribeiro da Silva Weber**

“O meu susto foi o que?

Perceber como eles percebem a dança e a música. Isso, pra mim, foi diferente, foi estranho no começo. Aí, depois, eu me acostumei. Hoje, pra mim, é natural.

Então, no começo, a ideia de convidar os alunos surdos para participar da apresentação no teatro, a ideia foi minha, mas eu perguntei ao responsável. A Edj. O sinal dele é esse:

Ele é o principal chefe da Cabrueira e eu perguntei se era possível eles participarem, e ele respondeu: “Claro! Porque, seus alunos, eles já sabem dançar. Então pode convidar. Então, como foi que eu escolhi a música? Fiz uma pesquisa e aí encontrei um texto que falava e explicava, que é possível na dança qualquer pessoa, surdo, cego, dançar. Porque a dança, ela liberta. ”

### **Relato de Rodrigo Barbosa Dos Santos**

“Eu nunca tinha visto. Foi a primeira vez. Nossa, eu gostei muito de estar no teatro. ”

### **Relato de Alberto Marinho Menezes Conceição Santos**

“Então, eu comecei essa experiência com a Cabrueira e eu senti essa música, e eu pensei: nossa, eu não vou conseguir.

Mas eu deixei pra lá, porque eu tinha força de vontade, eu queria aprender. Eu senti o movimento e via essa variação. E com tudo eu fui desenvolvendo: o visual, olhando os passos e tal. Acompanhando o pessoal com o movimento; o corpo, também. E aí (com) o contexto, a gente conseguiu uma finalização legal.

Foram 4 meses de ensaio, muito cansaço, até à noite, sempre. Não parou em nenhum momento, a gente continuou. A expectativa de chegar até hoje, até aqui, é muito perfeito e agora é maravilhoso.

Antes, eu ficava agoniado, o coração acelerado e aí eu to tentando me acalmar pra mostrar que eu to conseguindo dançar muito bem, aliviado.

Sim, a vida mudou! Essa experiência, desenvolvimento, muda a vida. A Cabrueira vai continuar pra sempre comigo. Isso é porque nós somos os primeiros surdos.”

### **Relato de Atanael Ribeiro da Silva Weber**

“Qual foi a mudança que percebi na vida deles, dos meus alunos? No começo, alguns ficavam com vergonha, se sentiam diferentes dos ouvintes. Por que? Têm alguns comportamentos diferentes, a cultura é diferente. Mas depois da dança, eu consegui uma aproximação entre as duas culturas, a cultura de ouvinte e a cultura dos surdos. Hoje, é possível saber qualquer coisa porque eles acreditam neles. Eles sabem que eles podem qualquer coisa.

Como a dança ajudou eles dentro da sociedade, na inclusão: antes da dança, eles não conseguiam estar presentes nos lugares que tinham dança. Porque não tinha essa troca. Hoje, com a dança, eles sabem que podem dançar com

surdo, com ouvinte, com qualquer um. Eles conseguem estar presentes nesses lugares e antes eles não iam, hoje eles estão lá, presentes. E mostra que os surdos podem qualquer coisa. ”

### **Relato de Jaiane Oliveira Lopes**

“A Cabrueira ela mostra o sentimento das pessoas, o contato com a dança, o movimento, mas, o nosso grupo de surdos, assim, na dança, eu pude sentir que realmente foi emocionante. O primeiro grupo de surdos do Brasil. Pela coragem do surdo em mostrar esse sentimento, esse movimento. Esse contato, essa vibração. Nossa, eu amei. ”

### **Relato de Atanael Ribeiro da Silva Weber**

“Só em parar pra lembrar como foi a experiência de ver a apresentação no teatro, eu me emociono. Por que? Porque foi uma experiência diferente. Antes, eu acreditava que era possível, mas agora, eu tenho certeza que qualquer pessoa pode. Cego, surdo, não importa. O importante é o desejo de aprender a dança.”

### **Depoimento de Rodrigo Barbosa Dos Santos**

“Hoje, eu estou muito feliz em estar aqui. Agradecemos também o nome de Jesus. A tranquilidade. Ter tranquilidade no momento de fazer a dança. Ter sintonia e confiar, também, em Jesus, de uma forma leve. Como se fosse um anjo. Tranquilidade e harmonia entre surdos e ouvintes para que nós possamos ser iguais. No esforço, na dança, surdos, ouvintes, para que todas as pessoas possam ver e nos aplaudir. ”





